

## UMA SIMPLES CONVERSA

Leila Aparecida Cardoso de Freitas<sup>1</sup>

Saí de casa ainda pela manhã fazia um belo dia de primavera e o sol já brilhava logo cedo. Como de costume gosto de caminhar para comprar o pão, apesar da padaria localizar-se a quatro quadras de minha casa, encaro o exercício como um agradável passeio matinal. O leitor de repente pode pensar que se trata de um hábito de quem não tem o que fazer, ou simplesmente não possui um veículo para se locomover – não é esta a questão, tenho um carro na garagem e acumulo os mais diversos afazeres.

Na verdade, nem eu mesma sei por que conservo esta mania, pois pensando bem nunca tive muita simpatia por exercícios físicos e tenho adotado, ao longo da vida, uma postura ociosa a estes assuntos. Foi muito bom conduzir a conversa nesta direção, posso reparar, neste momento, a possibilidade de tomar atitudes instintivas, sem me dar conta de motivos ou procurar explicações coerentes.

Hoje quando passei pelo portão tive uma nítida sensação de estar saindo de uma prisão e encarando o sol depois de muito tempo, mas engana-se o apressado leitor se notou nesta impressão inusitada algo parecido com o estranhamento provocado pelas grandes obras de artes, aquele pequeno fio que desenrolado adequadamente chega-se a um entendimento muito mais profundo. – Não. Por incrível que pareça todos os dias quando saio experimento os mesmos sentimentos e ao retornar, certas vezes, percebo que nem mesmo quero comer o pão.

A rua estava movimentada muitos carros conduzindo as pessoas ao trabalho, alguns caminhando no calçadão vestindo roupa de ginástica, outros correndo; de fato, o estado de loucura acomete o indivíduo logo cedo, sem deixar que ele raciocine, pois assim não dá tempo de escapar. Neste ritmo acelerado adentrei à rua Santa Maria, esquina com a Fernando Rodrigues, e o que meus olhos presenciaram repentinamente, foi algo mais difícil de explicar do que o meu passeio rotineiro.

Pelo fato do texto ser curto vou dispensar a técnica do suspense geralmente utilizado para prender a atenção do interlocutor, até porque não há nenhuma razão para conservá-lo nesta conversa. Estavam próximos à calçada, mas ainda na rua. O cão supostamente atropelado por um carro parecia conservar alguns sinais vitais, enquanto o

---

<sup>1</sup> Mestranda em Letras pela Universidade Federal do Mato Grosso do Sul.

outro fazia um esforço grandioso para retirá-lo dali. Tenho a nítida impressão que o cão salvador olhava para as pessoas que por ali passavam com um semblante de súplica, com uma espécie de olhar que implora por socorro.

Observei detidamente a cena, agora, o nosso herói realmente “chorava” emitia sons que provavelmente pretendiam chamar a atenção dos humanos. O problema é que os “humanos” estavam no ápice do seu constante estado de loucura, todos correndo em sentidos distintos, observando seus celulares, conversando entre si, cumprimentando rapidamente um conhecido para manter aquela costumeira cordialidade, enfim, vivendo de acordo com um estranho pacto social.

Insistentemente o protagonista abandonou o seu posto junto ao companheiro e caminhou para o meio da rua, parando próximo ao centro e ali permanecendo. Posicionou-se, então, apoiado sobre as patas traseiras como se estivesse sentado; posição, inclusive, que privilegiava seu tamanho e conseqüentemente sua visão. Entendi a atitude como uma forma clara de protesto, como se o animal dissesse: - pare um pouquinho, me enxergue, raciocine, afinal você é o animal racional, não eu.

Os carros desviavam-se do cão com grande precisão, ninguém queria machucá-lo, o objetivo era apenas fazer uma manobra de desvio gastando o mínimo de tempo. Passaram-se alguns minutos naquela diferente situação – um cachorro parado no meio da rua e os carros desviando freneticamente do animal; certas vezes parecia que não daria tempo de fazer a manobra, outras vezes, a insistente personagem quase provocava um acidente.

Os instantes correram desta forma, até que finalmente, um carro mais acelerado que os outros virou a esquina Fernando Rodrigues alcançando a rua Santa Maria numa velocidade incalculável. Provavelmente, o relógio não havia despertado, a gravata não estava no lugar corriqueiro, ou a empregada esqueceu-se de passar o paletó preferido; enfim, situações muito maiores e importantes do que a presença de um estúpido animal que se coloca no meio da rua numa tentativa desesperada de ajudar seu companheiro.

- Sim. Não houve tempo para desviar-se do animal, o carro bateu violentamente contra o cão que por sua vez não esboçou nenhuma reação. Nosso herói ali ficou da mesma maneira que seu companheiro a poucos metros de distancia, prevalecendo, contudo, sua obstinação em chamar a atenção das pessoas através de seu corpo inerte, ainda no meio da rua.

Foi com certa esperança que notei o carro do acidente parando a alguns metros do local. Pensei, então, que o esforço do animal não havia sido em vão, que finalmente,

alguém tinha resolvido interromper sua paranoia temporal para saber como estava cachorro, se de repente ainda haveria solução. Estas expectativas duraram poucos segundos, logo observei um estado de loucura muito maior, quando vi o homem descendo do carro e num lance de surto chutando o local da batida com violência.

Infelizmente não tive tempo de saber dos destinos finais dos cachorros - se alguém conseguiu parar um pouquinho e retirar-lhes dali. O relógio despertou com o mesmo barulho irritante de todos os dias. Era hora de acordar, encarar a vida real que, na verdade, em muito se assemelha a este sonho. Saltei maquinalmente da cama, tomei um banho, me vesti e tomei o café com um pão amanhecido.

Hoje o dia será particularmente longo tendo em vista as inúmeras tarefas que tenho. Queria muito poder apenas um dia manter-me na cama por mais tempo, reservar um dia para um passeio, uma leitura, quem sabe uma reflexão sobre o que tenho feito de minha vida. – Não; insistente leitor, o tempo que reservei nesta conversa já se faz demasiado grande; preciso finalmente enfrentar as ruas, a loucura das pessoas que, assim como eu, transformaram-se em máquinas a serviço de uma causa absurda, inexplicável.